

**Resenha de Cançado, M., Godoy, L., Amaral, L. *Catálogo de Verbos do Português Brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados. Parte I: verbos de mudança*. Editora UFMG. 2013**

## **1. Organização e proposta da obra**

O livro *Catálogo de verbos do português brasileiro* (doravante CVPb) é um levantamento de 862 verbos de uma única grande classe verbal, os chamados verbos de mudança. Essa grande classe apresenta quatro subdivisões, também detalhadas no catálogo: verbos que denotam mudança de estado (*quebrar*), verbos locativos (*enjaular*) e locatum (*apimentar*), além de mudança de estado locativo (*acomodar*).

A classificação dos verbos se baseia em um pressuposto corrente nos estudos da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, qual seja, há aspectos do significado que são relevantes para o comportamento gramatical dos verbos. Em suma, a ideia que rege a linha de investigação utilizada é a de que se testes revelam que determinados verbos têm um comportamento sintático comum há fortes indícios de que podem ter um elemento semântico também comum. Se descoberto tal elemento semântico comum, pode-se nomeá-lo como uma propriedade semântica que impacta um comportamento gramatical.

No âmbito de uma teoria mentalista do estudo da linguagem, na linha dos estudos da Gramática Gerativa, tal correlação é aceita e explorada nos estudos das relações entre predicados e seus argumentos, independentemente da abordagem teórica utilizada. Esse tipo de abordagem metodológica-científica caracteriza pesquisas que enfatizam o estudo da semântica de modo sério ao separar a parte do significado que é puramente idiossincrática e assistemática daquela que é linguisticamente relevante.

Assim, a discussão sobre o armazenamento de informações semânticas é crucial tanto para autores que assumem um léxico estruturado que disponibiliza para o sistema computacional a informação presente na grade lexical ou no *template* do verbo (Levin & Rapaport, 2005) quanto para aqueles que acreditam que determinada informação contida na raiz permitirá o seu licenciamento em estruturas sintáticas da língua (Marantz, 1997; Marantz, 2013).

A metodologia de trabalho do catálogo é a seguinte: para todos os verbos coletados a partir do dicionário de verbos de Borba (1990) foram construídas sentenças que permitissem identificar propriedades semânticas e sintáticas que os incluíssem em uma determinada classe pré-determinada. A gramaticalidade dessas sentenças foi julgada pelas três autoras, sendo aceita

somente em caso de unanimidade. No total, foram coletados 862 verbos e construídas 5.500 sentenças. Para os 436 verbos de mudança de estado, por exemplo, buscou-se identificar um componente de mudança gramaticalmente relevante por meio da construção dos seguintes tipos de sentenças:

uma sentença transitiva simples com um agente e uma causa na posição de argumento externo, uma sentença incoativa, uma sentença com acarretamento comum à classe, uma sentença com um sintagma preposicional instrumental e uma sentença passiva. Ainda, se possível, apresentamos uma sentença reflexiva, uma sentença com alternância parte-todo e uma sentença com alternância agente-beneficiário. (Cançado, Godoy & Amaral<sup>1</sup>, 2013:22)

Apesar de amplamente utilizados, os julgamentos de gramaticalidade são testes bastante subjetivos. Os estudos formais têm caminhado cada vez mais para observar na realidade da língua, em corpus de fala, em testes com um número maior de falantes e em experimentos psicolinguísticos, julgamentos antes emitidos somente pelo pesquisador. O julgamento emitido pelo pesquisador pode ser contaminado por efeitos de frequência: por estar altamente exposto a repetições de uma construção, o pesquisador pode passar a aceitá-la. O critério das autoras do julgamento unânime ameniza tal problema, mas também o agrava no sentido de que todas são falantes de uma mesma variedade do português brasileiro, o que pode também viesar e subjetivizar os julgamentos. Por outro lado, como bem observam as autoras, esse tipo de metodologia permite observar evidências negativas ao possibilitar a construção de sentenças agramaticais. Alguns critérios práticos guiaram a construção das sentenças: os verbos estão no pretérito perfeito, as sentenças são afirmativas e os sintagmas nominais (argumento externo, argumento interno e argumento interno preposicionado) são definidos.

Considere o paradigma abaixo construído pelas autoras para o verbo *Afrancesar*:

(1) *Afrancesar*

- a. A mãe/ a vivência em Paris afrancesou a moça. → *forma transitiva com sujeito agente ou causa*
- b. A moça ficou afrancesada. → *acarretamento de mudança de estado*
- c. A moça (se) afrancesou (com a vivência em Paris) → *forma intransitiva com adjunto causa*
- d. A mãe afrancesou a moça com perfumes da França. → *adjunto instrumento*

---

<sup>1</sup> Doravante: C, G & A.

- e. A moça foi afrancesada (pela mãe). → *passiva sintática*
- f. A moça afrancesou os modos (com a vivência em Paris). → *alternância parte-todo*
- g. A mãe afrancesou a filha com a melhor professora de etiqueta da cidade. → *sujeito beneficiário*
- h. A moça se afrancesou. → *reflexiva*

O acarretamento de mudança de estado, evidenciado pelo licenciamento em uma estrutura com o verbo *ficar* (1a), inclui o verbo na grande classe de mudança.

Portanto, verbos dos quatro subgrupos estudados - verbos que denotam mudança de estado (*quebrar*), verbos locativos (*enjaular*) e locatum (*apimentar*), além de mudança de estado locativo (*acomodar*) – são gramaticais em sentenças que evidenciam o acarretamento de mudança, mesmo que essas classes apresentem outras propriedades independentes que justificam a divisão em subclasses de tipos de mudanças. Veja exemplos do acarretamento com os representantes de cada uma das classes:

## (2) Acarretamentos de mudança

- a. O leão ficou na jaula. → acarretamento de mudança de lugar
- b. A comida ficou com pimenta. → acarretamento de mudança de posse
- c. O menino ficou acomodado na cama. → acarretamento de mudança de estado locativo
- d. O vaso ficou/tornou-se quebrado. → acarretamento de mudança de estado

Esse é o teste comum a todas as subclasses de mudança. Como o pressuposto é de que verbos com comportamentos diferentes participam de alternâncias diferentes, as subclasses se caracterizam pelo comportamento diverso frente a um mesmo conjunto de testes sintáticos. São comuns os trabalhos que sugerem a existência de classes semânticas com base na livre criação de paráfrases. Ao utilizar testes sintáticos para classificar os verbos em classes semânticas, o catálogo se diferencia por duas características: novamente, aborda os aspectos de significado que são linguisticamente relevantes e possibilita que outros estudos com diferentes verbos e/ou línguas possam replicar seus métodos e testar seus resultados.

A partir desses testes, a proposta de análise semântica para as classes encontradas é formulada com base na decomposição de predicados primitivos. As autoras salientam que o que

define as classes são as estruturas de predicados primitivos comuns. No item abaixo, encontra-se a estrutura de predicados primitivos das quatro grandes classes estudadas.

(3) Estrutura de predicados primitivos

- a. v: [[ X ACT<sub>(volition)</sub>] CAUSE [BECOME Y <STATE>]] – *mudança de estado*
- b. v: [[X ACT<sub>volition</sub>] CAUSE [BECOME Y <STATE> IN Z]] – *mudança de estado locativo*
- c. v: [[X ACT<sub>volition</sub>] CAUSE [BECOME Y IN <PLACE>]] – *mudança de lugar*
- d. v: [[X ACT<sub>volition</sub>] CAUSE [BECOME Y WITH <THING>]] – *mudança de posse*

Observando (3) acima, vemos que as classes estão associadas ao metapredicados CAUSE e BECOME e é esse comportamento que parece ser capturado pelo teste com o auxiliar *ficar*. Por outro lado, há pontos de variação. Primeiramente, os metapredicados que representam as raízes são de tipos ontológicos diferentes (STATE, PLACE E THING). Além desse aspecto idiossincrático da formação do verbos, há diferenças no comportamento dos argumentos externos, como se pode ver acima. Enquanto os verbos de mudança de estado podem, opcionalmente, não apresentar volição, isto é, esses verbos podem apresentar uma causa ou um agente como argumento externo, os verbos das outras classes devem, obrigatoriamente, apresentar um agente. Observemos a figura 1 abaixo:

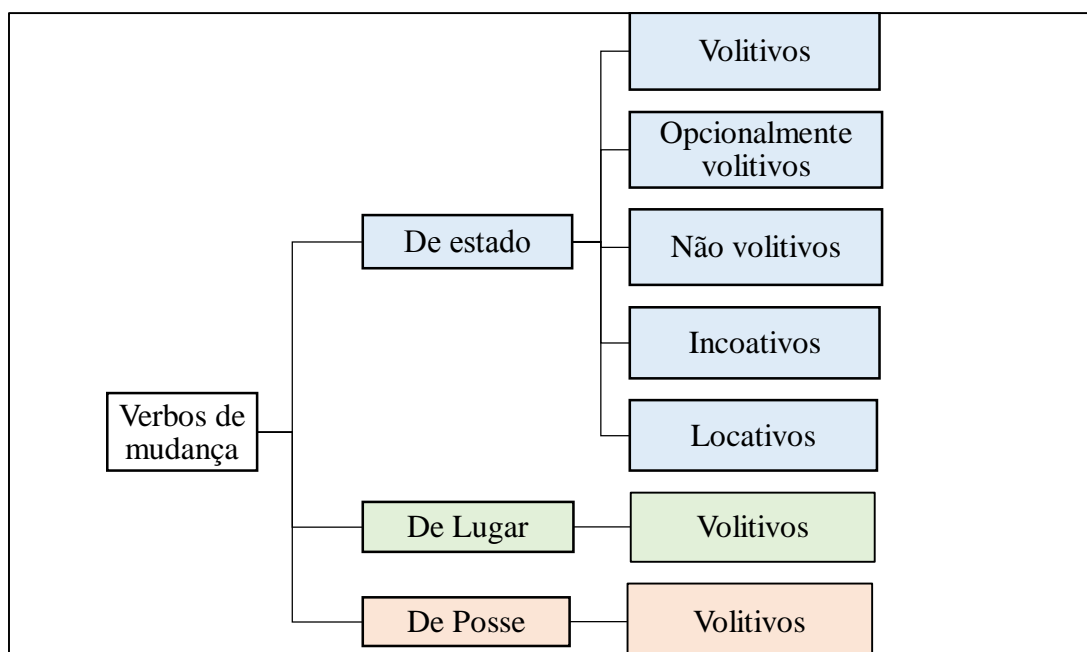


Figura 1. Nomenclatura das classes e subclasses dos verbos de mudança

Como as autoras bem observam, o fato de os verbos de mudança de estado poderem, opcionalmente, apresentar volição merece um olhar mais atento. Participam desse grupo tanto verbos que podem ocorrer com uma causa ou um agente na posição de argumento externo (*quebrar*), quanto verbos que só podem ter uma causa nessa mesma posição e verbos que só podem ter um agente. Isso leva às autoras a fazer uma ramificação desse grupo em mais quatro subclasses. A primeira subclasse é composta de 24 exemplos e tem como representante o verbo *estatizar*. Com todos os membros dessa classe, um agente é necessário. Isso atribui a eles a representação em termos de decomposição de predicado que vemos em (4)a.. A segunda subclasse de verbos de mudança de estado é a mais numerosa, composta por 436 verbos e é chamada de verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos. Essa segunda classe é representada formalmente em (4)b. A terceira subclasse é constituída por 158 verbos, em que há mudança não volitiva. Isto é, o argumento externo só pode ser uma causa. Como as autoras ressaltam, mesmo quando há um DP animado na posição de argumento externo, a referência no mundo não é um ser específico, mas sim um evento não especificado. Um teste que corrobora isso é a impossibilidade de verbos psicológicos, que estão nessa classe, se combinarem com um instrumento (\**A Rosa preocupou a Maria com uma carta*). A estrutura proposta para esses verbos se encontra em (4)c. Por fim, a última subclasse é a de “verbos de mudança de estado incoativos”, composta por 64 membros. Essa classe partilha muitas características com a classe de verbos psicológicos, mas, ao contrário destes, não aceita a inserção do clítico *se*. Como as autoras assumem que a presença desse clítico é uma marcação formal para a perda do metapredicado CAUSE em sentenças incoativas, a impossibilidade de combinar os membros dessa subclasse com o clítico *se*, leva à formulação de que os verbos que compõem o quarto subtipo sejam basicamente intransitivos, daí a estrutura em (4)d.

(4) Subtipos de verbos de mudança de estado

- a. [[X ACT<sub>volition</sub>] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]
- b. [[X ACT<sub>(volition)</sub>] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]
- c. [[X ACT/STATE] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]<sup>2</sup>
- d. [BECOME Y <STATE>]

---

<sup>2</sup> O primeiro argumento desse subgrupo é mais complexo que os outros em virtude de [X ACT] representar um evento, X é o desencadeador do evento e X state é um estado.

Estando essas classes verbais apresentadas e justificadas com base no comportamento semântico dos verbos, as autoras passam a considerações sobre outras propriedades não classificatórias, sobre as quais não nos deteremos nesta resenha.<sup>3</sup>

A tabela abaixo sumariza a classificação central do catálogo:

---

<sup>3</sup> São elas: reflexivização, alternância parte-todo e alternância agente-beneficiário. O leitor interessado deve consultar as propriedades arroladas na seção 5 do Capítulo 1, Subsídios teóricos.

Classes e subclasses/Testes <sup>4</sup>	Aceita:							
	Sujeito Agente?	Passiva?	Sujeito Causa?	Instru-mento? <sup>5</sup>	Alt. Transi-tiva?	PP Causati-vo <i>com</i> ?	<i>Se</i> incoati-vo?	PP cognato?
<b>v: [[ X ACT<sub>volition</sub>] CAUSE [BECOME Y &lt;STATE&gt;]]</b> Verbos de mudança de estado volitivos <i>‘estatizar’</i>	sim	sim	<b>não</b>	sim	sim	<b>não</b>	sim	<b>não</b>
<b>v: [[ X ACT<sub>(volition)</sub>] CAUSE [BECOME Y &lt;STATE&gt;]]</b> Verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos <i>‘quebrar’</i>	sim	sim	<b>sim</b>	sim	sim	sim	sim	<b>não</b>
<b>v: [[ X ACT/STATE] CAUSE [BECOME Y &lt;STATE&gt;]]</b> Verbos de mudança de estado não volitivos <i>‘preocupar’</i>	<b>não</b>	<b>não</b>	sim	<b>não</b>	sim	sim	sim	<b>não</b>
<b>v: [BECOME Y &lt;STATE&gt;]</b> Verbos de mudança de estado incoativos <i>‘amadurecer’</i>	<b>não</b>	<b>não</b>	sim <sup>6</sup>	<b>não</b>	sim	sim	<b>não</b>	<b>não</b>
<b>v: [[ X ACT<sub>volition</sub>] CAUSE [BECOME Y &lt;STATE&gt; IN Z]]</b> Verbos de mudança de estado locativo” <i>‘acomodar’</i>	sim	sim	<b>não</b>	<b>não</b>	<b>não</b>	<b>não</b>	<b>não</b>	<b>não</b>
<b>v: [[ X ACT<sub>volition</sub>] CAUSE [BECOME Y IN &lt;PLACE&gt;]]</b> Verbos de mudança de lugar <i>‘enjaular’</i>	sim	sim	<b>não</b>	<b>não</b>	<b>não</b>	<b>não</b>	<b>não</b>	sim
<b>v: [[ X ACT<sub>volition</sub>] CAUSE [BECOME Y WITH &lt;THING&gt;]]</b> Verbos de mudança de posse <i>‘apimentar’</i>	sim	sim	<b>não</b>	<b>não</b>	<b>não</b>	<b>não</b>	<b>não</b>	sim

**Tabela 1. Decomposição de predicados e testes sintáticos**

<sup>4</sup> Na página 79 do livro aqui resenhado, há uma tabela com as propriedades de estrutura argumental, propriedades léxico-semânticas e propriedades sintático-semânticas das classes de verbos estudadas. Inspiramo-nos na parte da tabela com as propriedades sintático-semânticas para compor a Tabela 1.

<sup>5</sup> Embora não completamente explícito no texto, acreditamos que o item Instrumento nesse caso se refere à possibilidade de um verbo permitir a ocorrência de um adjunto de tipo semântico instrumental, tal como em “A cozinheira apimentou a comida com uma colher de pau” (p. 57). Para além dessa possibilidade, Instrumento poderia se referir à ocorrência de sujeito instrumental, tal como em “O aspirador tirou todo o pó da sala”, mas esse não nos parece ser o uso almejado.

<sup>6</sup> Na tabela original, os verbos de mudança de estado volitivos estão marcados negativamente para a propriedade ‘Aceita suj. causa’, o que contradiz a descrição apresentada sobre eles na página 42: “esses verbos apresentam algumas propriedades, tais como acarretar y ficar estado, **aceitar somente uma causa como argumento externo (...)**”

Feita essa apresentação geral do livro, passemos aos pontos que merecem maior discussão. São eles: os argumentos externos, na seção 2, a presença do clítico *se*, na seção 3, e uma discussão sobre a representação das raízes e a morfologia dos verbos na seção 4. Na seção 5, concluímos o trabalho.

## 2. Os argumentos externos

Uma generalização bastante conhecida nos trabalhos de estrutura argumental é a de que verbos com argumentos subespecificados são os que permitem alternância (ver, por exemplo, Reinhart (2002)).<sup>7</sup>

Por argumentos subespecificados, queremos dizer os argumentos externos que podem ser causas ou agentes. No trabalho de C, G & L, essa classe corresponde aos verbos opcionalmente volitivos, representada pelo esquema abaixo:

(5) v: [[ X ACT<sub>(volition)</sub>] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]

Como a representação de X ACT mostra, a característica de volição do argumento externo é opcional com esse grupo. Eles podem apresentar uma causa ou um agente como argumento externo. Vejamos as causas e os agentes que cada um desses verbos têm em alguns dos exemplos dados pelas autoras.

(6) A mãe/ a vivência em Paris afrancesou a moça. (C,G &A, 2013:105)

(7) O vilão/ a inalação de fumaça asfixiou o homem. (C,G &A, 2013:121)

(8) O professor/ a leitura de Marx politizou os alunos. (C,G &A, 2013:217)

(9) Os ditadores/as perseguições dos ditadores reprimiram o povo. (C,G&A, 2013:225)

(10) A soprano/ o grito da soprano quebrou a taça do cristal. (C,G &A, 2013:219)

Repare que parece haver uma paridade entre os argumentos externos dos verbos. Os agentes são representados por humanos e as nominalizações – ou nomes eventivos como *grito* – indicariam as causas. Entretanto, todas essas causas diferem bastante de forças naturais que são

---

<sup>7</sup> Entretanto, como os próprios trabalhos de estrutura argumental deixam claro, há uma série de exceções a essa assunção. Cançado et al observam que verbos psicológicos, verbos deadjetivais, que só possuem causas como argumentos externos, alternam. Estudos como Levin (2009) também demonstram que verbos internamente causados também alternam e o argumento externo também só pode ser uma causa.



tidas como causas prototípicas: *o vento*, *o fogo* ou *a fumaça*. Veja a combinação dessas causas naturais com cada um desses verbos:

- (11) \*O vento afrancesou a moça.
- (12) ?A fumaça asfixiou o homem.
- (13) \*O vento/ \*o fogo politizou os alunos.
- (14) \*O vento reprimiu o povo.
- (15) O vento quebrou a taça.

Quando as nominalizações nos exemplos de (6) a (10) são substituídas por causas prototípicas, podemos perceber claramente que esses verbos diferem pelo menos quanto à propriedade de licenciamento dos argumentos externos. Mais especificamente, *quebrar* é um verbo que aceita essas causas prototípicas como argumento externo, enquanto *afrancesar*, *asfixiar*, *politizar* e *reprimir* não o fazem.

O fato de esses verbos aceitarem esses tipos de nominalizações na posição de argumento externo merece um pouco mais de análise. Nominalizações têm sido comparadas a passivizações na literatura (GRIMSHAW, 1990; ALEXIADOU ET. AL., 2013). Uma das semelhanças entre as duas estruturas que permite a comparação é o fato de poder ser possível recuperar o agente em nominalizações assim como é possível fazê-los em passivas por meio da *by-phrase*, que, em algumas línguas como o português, pode ser introduzida pela mesma preposição em alguns casos: *por*. Isso significa que nominalizações como as presentes na posição de argumento externo de (6) a (10) pressupõem a presença de um agente, assim como nas passivas. Observe a possibilidade de recuperar o agente nessas nominalizações em um comportamento paralelo ao das passivas:

- (16) A vivência em Paris de Maria....<sup>8</sup>
- (17) A inalação da fumaça por João....
- (18) A leitura de Marx pelo aluno....
- (19) A perseguição dos ditadores pelo povo...
- (20) O grito da soprano...

Isso mostra que essas nominalizações são compatíveis com causas prototípicas por serem eventivas, mas diferem das últimas porque não são autônomas. Isto é, essas

---

<sup>8</sup> Não vamos discutir neste trabalho qual é o fator responsável pela possibilidade de algumas nominalizações introduzirem seus participantes com a preposição *de* e outras com a preposição *por*.

nominalizações expressam eventos desencadeados por um agente, enquanto causas verdadeiras são independentes.

Frente a esses dados, pode-se dizer que essa distinção é muito fina e não é linguisticamente relevante, isto é, para o léxico tanto *o grito* quanto *o vento* são causas e isso permitiria agrupar os verbos acima em um mesmo grupo. Entretanto, se investigarmos o comportamento de um verbo como *fraturar*, que é classificado como opcionalmente volitivo, podemos chegar à conclusão de que esse verbo não alterna com agente e uma causa na posição de argumento externo, portanto deveria estar em outro grupo.<sup>9</sup> Observe o exemplo dado em (a) e a incompatibilidade desse mesmo exemplo com uma causa:

- (21) a. O touro/ a tourada fraturou a cabeça do toureiro. (C,G &A, 2013:193)  
b. ?O vento fraturou a cabeça do toureiro.

O fato de um verbo como esse só selecionar agentes como argumento externo fica mais evidente quando formamos passivas a partir dessas sentenças.

- (22) a. A cabeça do toureiro foi fraturada pelo touro.  
b. \*A cabeça do toureiro foi fraturada pela tourada.  
c. \*A cabeça do toureiro foi fraturada pelo vento.

A impossibilidade de o constituinte *a tourada* aparecer como adjunto da passiva, mesmo que esse constituinte seja aceitável na posição de argumento externo pode ser comparada com a pertinência de uma sentença como (23) no caso de João ter perdido a prova por causa da tempestade e, por não ter comparecido ao exame, ter sido reprovado. Entretanto, a impossibilidade de esse mesmo argumento externo figurar como o agente da passiva em (23) demonstra que esse não é um argumento externo verdadeiro, ele é licenciado, possivelmente, por questões pragmáticas. Isso parece ser o mesmo que ocorre na sentença (21).

- (23) a. A tempestade reprovou o João.  
b. \*O João foi reprovado pela tempestade.

---

<sup>9</sup> A forma incoativa apresentada para essa sentença pelas autoras é *A cabeça do homem (se) fraturou*. No nosso julgamento, essa sentença com o clítico reflexivo é agramatical. Só *A cabeça fraturou* é possível. Perguntamos a mais quatro falantes nativos sobre a gramaticalidade dessa sentença com o clítico e três julgaram-na como agramatical, enquanto um expressou incerteza.

Outro fato que demonstra a pertinência de diferenciar eventos como essas nominalizações de causas naturais é o comportamento de cada uma de esses dois tipos de argumentos externos com duas classes de verbos. Perceba que os verbos psicológicos tendem a aparecer com eventos que tenham um agente implícito enquanto verbos deadjetivais aparecem com causas que são eventos autônomos:

- (24) As medidas do governo intranquilizaram a população. (C, G & A, 2013: 282)
- (25) A aparição do Jânio na TV intrigou os políticos. (C, G & A, 2013: 282)
- (26) As fofocas da Lúcia iraram a Margarida. (C, G & A, 2013: 282)
- (27) O frio açucarou o mel. (C, G & A, 2013: 295)
- (28) O frio excessivo adoeceu o menino. (C, G & A, 2013: 295)
- (29) O calor amadureceu a banana. (C, G & A, 2013: 296)

Tendo sido exemplificado o comportamento contrastante de nominalizações eventivas e de causas naturais, há evidências de que todos os membros do grupo chamado de opcionalmente volitivos não se comportam igualmente.

### **3. O clítico *se***

No CVPb, o clítico *se* é usado como um dos diagnósticos para as classes apresentadas. Para as autoras, a presença desse clítico é uma marcação formal para a perda do metapredicado CAUSE em sentenças incoativas. Portanto, a impossibilidade de combinação dos “verbos de mudança de estado incoativos” com esse clítico é uma das evidências sintáticas para uma representação desses verbos sem o metapredicado CAUSE, isto é, eles seriam basicamente intransitivos.

Parece ser um consenso, por exemplo, que esse clítico não é mais produtivo em passivas (Nunes, 1989), em sentenças impessoais (Roberts & Holmberg, 2013), em sentenças incoativas (Ribeiro, 2010) e em sentenças médias (Pacheco, 2008). Entretanto, muito embora esses clíticos não estejam presentes na fala cotidiana, eles são muitas vezes usados como diagnósticos para as alternâncias. Como já foi dito, a possibilidade de combinar o clítico *se* com uma sentença incoativa é um diagnóstico da estrutura básica do verbo para as autoras, já que esse clítico *se* combina com verbos que perderam o metapredicado CAUSE no processo de formação de

sentenças incoativas. A predição, então, é de que um verbo basicamente transitivo, se alternante, poderá se combinar com o clítico *se*, indicando que o metapredicado CAUSE foi retirado.

Entretanto, considerando-se a classe de mudança de posse para exemplificação, essa predição não parece ser produtiva. Notamos que alguns verbos podem sim participar da alternância transitiva, ao contrário do que é defendido no trabalho. Esses verbos têm um comportamento bastante parecido com o de verbos que têm o esquema [BECOME Y <STATE>], uma vez que a alternância não ocorre com o clítico *se*. Entretanto, são verbos transitivos na abordagem das autoras, visto que podem formar passivas sintáticas. Veja exemplos abaixo encontrados na internet e todos de acordo com nossos julgamentos como sentenças possíveis:

(30) Açucarar (C,G &A, 2013:345)

*Quando a água do banho Maria começar a fazer bolinhas, é hora de desligar o fogo e colocar a vasilha com o chocolate. Se for uma quantidade muito grande abaixe ao máximo o fogo, mas fique de olho na água do banho Maria. Não deixe a água levantar fervura. Se isso acontecer voce cozinha o chocolate e **ele vai açucarar*** (<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090412123535AAkudEi>)

(31) Arrear (C,G &A, 2013:351)

*O cavalo **arreou** de costas, escoiceou o ar, mas debilmente e aí largou a cabeça na lama.* ([www.beatrix.pro.br/index.php/chuva-de-maio-alberto-moravia](http://www.beatrix.pro.br/index.php/chuva-de-maio-alberto-moravia))

(32) Asfaltar (C,G &A, 2013:352)

*vendo minha casa semi acabada , a ponto de laje, (...) **a rua asfaltou** esses dias e eu nao aumentei o preço , ex[c]elente lugar para morar ou veranear* (<http://sp.bomnegocio.com/baixada-santista-e-litoral-sul/imoveis/casa-a-ponto-de-laje-perto-da-praia-33242575>)

(33) Carregar (C,G &A, 2013:354)

*Segundo ainda [As fontes] o caminhão carregou na cidade de Rondonópolis e estava a caminho da cidade de Itapevi.* ([http://www.reporternarua.com.br/index.php?conteudo=b\\_noticias&id=14292&userna](http://www.reporternarua.com.br/index.php?conteudo=b_noticias&id=14292&username=)  
[me=](http://www.reporternarua.com.br/index.php?conteudo=b_noticias&id=14292&username=)

(34) Dedetizar (C,G &A, 2013:356)

Isso me lembrou uma exposição de flores que fui em Ribeirão Pires, estava com os cachorros no carro, uma boxer, uma pastora alemã e uma dálmata (*a casa estava dedetizando!*), fui parar na porta de uma exposição! (<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081114043244AAba1vb>)

Esses dados mostram que esses verbos alternam sem o clítico *se*. Deve-se pensar se o fato de o uso do clítico estar bastante reduzido nas sentenças incoativas não está relacionado com a possibilidade de novos verbos alternarem (Cyrino, 2007; XXX, 2013). Um paralelo interessante pode ser feito com línguas como o espanhol, na qual a classe de verbos que não se combina ao clítico *se* na alternância é extremamente pequena e os verbos que se combinam com esse clítico não podem aparecer sem esse elemento (Sánchez Lopes, 2002). Uma sentença como *O prato quebrou* em Espanhol é, então, agramatical. Isso demonstra como o PB tem se distanciado de línguas românicas no tocante à marcação de sentenças incoativas e se aproximado de línguas como o inglês. Portanto, acreditamos que usar esse clítico para diagnosticar a forma básica de um verbo (intransitivo ou transitivo) não é um teste confiável para o português brasileiro atual.

#### 4. Sobre a representação das raízes e a morfologia dos verbos

Nesta seção, apontaremos dois fatos que dizem respeito à relação entre morfologia e semântica na formação e interpretação verbos do português e que são deixados de lado no catálogo e em outros trabalhos dentro da Semântica Lexical. O primeiro consiste na simplificação no tratamento das raízes (mais especificamente ao material associado ao metapredicado <STATE>) e o segundo trata da falta de menção à morfologia derivacional complexa presente em muitos dos verbos abordados no CVPb. Tais críticas foram originalmente formuladas em XXY (2013) para os trabalhos de Pereira (2007) e Cançado e Godoy (2012), mas são ainda válidas para o catálogo.

Ao explicarem a representação de um verbo de mudança como *quebrar*, C,G&A afirmam brevemente que: “A raiz QUEBRADO relaciona-se ao estado final do evento e ao nome do verbo, que é o que o caracteriza individualmente” (p. 35). Nota-se que equivocadamente uma forma derivada (participial) é nomeada de raiz. Esse resultado não é expresso na língua por meio de uma raiz, mas de uma forma adjetival, derivada de um particípio, a partir da raiz QUEBR-.

Em suma, XXY (2013:144) identifica que é possível um refinamento em relação à descrição dos tipos de raízes envolvidas nos verbos de mudança de estado, em que identifica as seguintes formas de denotar um estado representado pela constante <STATE>:

- a) **Pela raiz de estado acategorial:** a própria raiz morfologicamente simples denota a propriedade adquirida pelo argumento interno, ou seja a raiz denota um predicado por si

mesma. Um exemplo prototípico da acategorialidade está no verbo *encher*: a raiz *che(i)-*, que é a mesma que forma o adjetivo *cheio(a)*, denota sozinha um estado e não há necessidade da formação do adjetivo para a formação verbal. A maior parte dos verbos de mudança de estado é derivada a partir dessas raízes. Outros exemplos são: *alargar*, *alongar*, *amansar*, *apodrecer*, *amadurecer*, *emagrecer*, *empobrecer*, *encurtar*, *engordar*, *esfriar*, *esvaziar*, *esverdear*.

- b) **Por um estado derivado:** em alguns verbos que denotam também uma mudança de estado, a raiz não denota prototipicamente um estado, ou seja, não é um predicado. O estado pode ser extraído de alguma propriedade da entidade prototipicamente denotada pela raiz (como em *empedrar*), ou um adjetivo pode ser derivado a partir da raiz que denota tipicamente uma entidade, como em *abrasileirar* (cuja raiz é a que deriva o nome *Brasil*) ou *embebedar* (cuja raiz é a mesma que forma o verbo *beber*) criando-se um predicado por meio de um núcleo adjetival que é realizado pelo sufixo *-eiro* e *-ado*, respectivamente. Outros exemplos são: *envergonhar*, *atemorizar*, *aterrorizar*, *atormentar*, *alagar*, *embebedar*, *abrasar*, *abrasileirar*, *ajuizar*, *encolerizar*, *enferrujar*, *apressar*, *aferventar*, etc.

A evidência empírica apresentada para a divisão nesses dois subgrupos é o fato de que a paráfrase de acarretamento/resultado formada para os verbos de raízes estativas é normalmente feita com o adjetivo atributivo simples ao passo que os verbos formados a partir de bases de estados derivados somente apresentam acarretamento com o particípio (como é o caso do exemplo de QUEBRADO apresentado por C,G&A), ou com algum tipo de locução adjetival (um PP que introduz a raiz, em geral, formadora de substantivos) que pode apresentar uma comparação quando a propriedade relevante é extraída da raiz (ficou *como pedra/lago*) ou pode ser nucleado por *com*, especialmente nos verbos de mudança de estado psicológico (ficou *com vergonha*). Em outras palavras, com as raízes acategoriais que denotam estados, é possível criar passivas de estado alvo e de estado resultante, mas com as raízes que denotam tipicamente substantivos só é possível criar passivas de estado resultante.

(35) Acarretamentos com raízes que prototipicamente denotam estados:

- a. Enfraquecer = ficar (+) fraco

- b. Engrossar = ficou (+) grosso
- c. Enlouquecer = ficou (+) louco
- d. Envelhecer = ficou (+) velho
- e. Esclarecer = ficou (+) claro
- f. Esfriar = ficou (+) frio
- g. Adoçar = ficou (+) doce
- h. Amadurecer = ficou (+) maduro

(36) Acarretamentos com raízes que não denotam estados prototipicamente:

- a. Atormentar = ficou atormentado / #tormento
- b. Alagar = ficou alagado / *como* um lago / #ficou lago
- c. Abrasileirar = ficou abasileirado/ *como* brasileiro / #brasil
- d. Empedrar = ficou empedrado/ *como* pedra / #pedra<sup>10</sup>
- e. Embebedar = ficou bebado / #beber
- f. Aterrorizar = ficou aterrorizado / *em* (estado de) terror / #terror
- g. Envergonhar = ficou envergonhado / *com* vergonha / #vergonha

Além disso, não há uma tentativa de investigar em que medida os afixos derivacionais prefixais ou sufixais podem corresponder ou realizar os primitivos semânticos das estruturas lexicais conceituais ou *templates*, apesar de ser possível encontrar certa sistematicidade em algumas subclasses.

Novamente, XXY (2013) apresenta ideias que poderiam fazer a conciliação entre a semântica lexical e os expedientes morfológicos dos verbos, já que a autora se preocupa especificamente com o tratamento da morfologia verbal e sua relação com a semântica e a estrutura argumental. Apesar de não ser o intuito de prover detalhamentos neste momento, os resultados daquele trabalho apontam que há uma correlação entre a presença dos prefixos *a-* (como em *apimentar* e *amansar*) *em/en-* (como em *empacotar* e *emagrecer*) e *es-* (como em *esfriar* e *esvaziar*) e a presença de um argumento interno afetado pela mudança expressa pelo verbo. No que se refere à forma do prefixo, não há evidências robustas de associação exclusiva de um tipo de prefixo a uma determinada estrutura argumental ou subclasse semântica, mas é possível afirmar que os prefixos são realizações morfológicas (muitas vezes alomórficas) dos

---

<sup>10</sup> A não ser que tenhamos aqui uma leitura especial ou elipse do elemento de comparação, como em “Essa massa ficou uma pedra”.

operadores BECOME, IN e WITH nos templates associados aos verbos de mudança. Além disso, o estudo revela que a presença do sufixo *-ec-* em uma formação transparente e composicional está correlacionada à classe de mudança de estado, como nos verbos *emagrecer* e *amadurecer*. Nesses casos, esse sufixo tem relação com o operador BECOME. Finalmente, no que se refere à expressão de direcionalidade na formação a partir dos prefixos, XXY observa que há uma pequena tendência nas classes que apresentam algum grau de transferência física e expressão de direcionalidade, a saber: a presença de *em/en-* é maior nos verbos de mudança de lugar e mudança de posse concreta ao passo que a presença do prefixo *a-* é maior nas classes que veiculam um tipo de mudança abstrata (mudança de estado e mudança de posse abstrata), em que não há transferência física.

Assim, um desenvolvimento futuro pode incluir uma análise morfológica para os verbos elencados no catálogo.

## 5. Conclusão

Neste trabalho, fizemos um resumo da descrição de dados dos verbos de mudança empreendida por C, G & A, 2013, e discutimos alguns pontos como o tipo de argumento externo, o clítico *se*, e o tratamento da morfologia derivacional verbal. Apesar de defendermos que é possível atingir maior nível de detalhamento para esses pontos, deve ficar registrado o grande comprometimento empírico do trabalho e sua valiosa contribuição para as classes verbais do PB. O trabalho aqui resenhado avança em relação a trabalhos como o de Levin (1993) ao propor ferramentas teóricas que possibilitem o estudo dos verbos em questão, portanto é uma obra de referência, inclusive, para que outros fenômenos que permeiam as classes delimitadas sejam notados e estudados.

## 6. Referências bibliográficas

ALEXIADOU, A. et al. 'Direct participation' and 'agent exclusivity' effects in derived nominals and beyond. IORDĂCHIOAIA, G.; ROY, I.; TAKAMINE, K. (Eds). **Categorization and category change in morphology**. Cambridge, MA: Cambridge Scholars Publishing, 2013. p. 153-180.

XXY

CANÇADO, M.; GODOY, L. Representação lexical de Classes verbais do PB. **Alfa, rev. linguíst. (São José Rio Preto)**, v. 56, n. 1, p. 109-135, 2012.



CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. **Catálogo de Verbos do Português Brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados. Parte I: verbos de mudança.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

XXX

CYRINO, S. Construções com SE e promoção de argumento no português brasileiro: uma investigação diacrônica. **Revista da ABRALIN**, v. 6, n. 2, p. 85-116, 2007.

GRIMSHAW, J. **Argument structure.** Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

HOLMBERG, A.; ROBERTS, I. The syntax–morphology relation. **Lingua**, v. 130, p. 111-131, 2013.

LEVIN, B. Further explorations of the landscape of causation: comments on Alexiadou and Anagnostopoulou. **MIT working papers in linguistics**, v. 49, p. 239-266, 2009.

LEVIN, B.; HOVAV, M. **Argument realization.** Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2005.

MARANTZ, A. Verbal argument structure: Events and participants. **Lingua**, v. 130, p. 152-168, 2013.

NUNES, J. **O famigerado SE: Uma análise sincrônica e diacrônica das construções com SE apassivador e indeterminador.** 1990. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/index.php?did=31340&opt=4>. Acesso em: 17-07-2014

PACHECO, J. **As construções médias do português do Brasil sob a perspectiva teórica da morfologia distribuída,** 2008. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-26112008-141332/>>. Acesso em: 17-07-2014.

PEREIRA, R. A. **Formação de verbos em português: afixação heterocategorial.** Muenchen: Lincom Europa. Academic Publications, 2007.

REINHART, T. The theta system—an overview. **Theoretical linguistics**, v. 28, n. 3, p. 229-290, 2003.

RIBEIRO, P. **A alternância causativa no português do Brasil: a distribuição do cíclico SE.** 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24047>. Acesso em: 17-07-2014.

SÁNCHEZ LÓPEZ, C. **Las Construcciones con ‘se’.** Madrid: Visor, 2002.